

Funai escolhe negociador para conflito no Xingu

CED

Povo:

Da Sucursal de Brasília

O sertanista Sidnei Possuelo, de 42 anos, foi escolhido pela Funai para negociar com os Txucarramãe e com os fazendeiros. Ex-diretor do Parque Indígena do Xingu e responsável pela implantação do posto de Cretire, onde se concentram os índios rebeldes, Possuelo já cumpriu missão semelhante em 1977, quando os Txucarramãe atacaram a fazenda Agropexim, matando dois peões.

Hoje o sertanista segue para Goiânia, onde vai manter contato com os fazendeiros, retornando a Brasília amanhã, para em seguida embarcar para o posto Diauarum, nas proximidades do Cretire. Ele preferiu montar sua base em Diauarum, uma vez que os Txucarramãe estão protestando contra os funcionários da Funai que montaram base

em São José do Banguê-Banguê, "cidade dos inimigos", para os índios.

Favorável à demarcação da faixa neutra de 15 quilômetros, Possuelo espera ter êxito em sua missão, pois acredita que só assim será evitada uma intervenção federal na área.

A situação no norte do Parque do Xingu permanece inalterada. O cacique Raoni encontra-se em local desconhecido, vigiando o movimento da estrada. No Cretire, os guerreiros, ainda pintados, ameaçam sequestrar qualquer balsa que seja colocada para a travessia do rio Xingu.

Ontem, a Funai recebeu um pedido de medicamentos dos Txucarramãe. Segundo informações do superintendente do órgão, os índios pediram remédio para malária, gripe e primeiros socorros.

Crise indígena pode se ampliar

MEMÉLIA MOREIRA

Repórter da Sucursal de Brasília

Uma semana depois de iniciado o movimento dos índios Txucarramãe no limite norte do Parque Indígena do Xingu, antropólogos, sertanistas, missionários e até insuspeitos agentes da Polícia Federal estão de acordo: a crise tem como causa imediata a insensibilidade dos atuais dirigentes da Funai e será resolvida apenas com o atendimento de todas as reivindicações feitas pelos índios. Além disso, os agentes de segurança estão com relatório pronto informando o governo sobre o perigo de ampliação do movimento que tende a atingir as 16 nações indígenas do Xingu.

A mais urgente das reivindicações, o afastamento do presidente da Funai, é condição para a reabertura do diálogo, interrompido porque Otávio Ferreira Lima cancelou uma reunião com os caciques do Cretire e do Jarina. O cancelamento do encontro, onde seriam discutidos os problemas da terra, foi recebido pelos índios como uma ofensa.

Raoni, o cacique do Cretire, é um dos mais altivos chefes indígenas do País. Com cerca de 60 anos, absolutamente analfabeto, carrega o orgulho de ser o mais respeitado cacique caiapó, uma nação que há séculos habita a região do Xingu, migrando do norte de Mato Grosso ao sul do Pará. Para os brancos, sua chefia tem valor simbólico, mas Raoni não é só o cacique do Cretire, é o chefe de uma nação guerreira que conseguiu resistir até mesmo às tentações da catequese dominicana. Cancelar uma reunião com Raoni é provocar a guerra. Foi isto que Otávio Ferreira Lima fez.

Inexperiência

Ferreira Lima tem 37 anos, é economista e já foi superintendente da Funai. Em seus oito meses como presidente, ele tentou acabar com o paternalismo, mas sua política seguiu os parâmetros de um tecnocrata e os índios não entendem essa linguagem. Cancelou a reunião e acreditou que estava tratando com pessoas da mesma cultura. Errou por inexperiência porque, para Raoni, a reunião é uma questão de sobrevivência. Há 13 anos ele espera ocupar uma área maior. Não para especular o valor da terra, mas porque a "faixa neutra" entre as fazendas e o Parque do Xingu é garantia de alimento para os Txucarramãe.

A construção da estrada BR-080 (Brasília-Manaus) e consequente implantação das fazendas levou para os índios a fome e as doenças. A fome, provocada pela escassez da caça, que fugia com o desmatamento e as doenças levadas pela presença do homem branco, com suas gripes,

sarampo, tuberculose. Com a estrada veio o medo para os Txucarramãe. Eles esperam solucionar essas problemas, isolando-se dos "brancos sujos", como diz Bedjai, um dos líderes do grupo.

O isolamento, acreditam os caiapó, poderia acontecer com a demarcação de uma faixa neutra, com 15 quilômetros, entre as fazendas e a reserva. E essa reivindicação vem sendo feita desde maio de 1971, quando o ministro Mário Andreazza inaugurou a estrada.

Todos concordam

Não há desacordo para a demarcação dessa faixa. Os índios reivindicam e os fazendeiros, preocupados com os prejuízos que poderiam enfrentar com um possível "ataque" dos índios, aceitam ceder parte de suas terras, legalmente tituladas, para criar a faixa neutra. O que falta, apenas, é uma decisão do governo para sentar na mesa de negociações, discutir com as partes envolvidas um acordo final.

Até agora, o governo se limitou apenas a promessas. Aos índios que demarcariam uma área maior. Aos fazendeiros, que suas terras estão garantidas e aí, concordam os coronéis do Conselho de Segurança Nacional, está a raiz dos conflitos, porque os dois receberam promessas de que não serão atingidos. Agora é difícil desfazer o equívoco.

De vitrine a problema

O Parque Indígena do Xingu foi sempre o "cartão de visitas" da política indigenista brasileira. Suas 16 nações indígenas, a festa do Quarup, as cores vibrantes do urucum e genipapo se transformaram em cartão postal no mundo inteiro. Para desavisados antropólogos europeus, o Xingu se constituía no verdadeiro "paraíso terrestre".

No dia 15 de maio de 1971, um sábado, 23 aviões transportando autoridades, jornalistas e empresários, desembarcavam no Xingu. Naquele dia, o bronzeado ministro dos Transportes, Mário Andreazza, inaugurava a Brasília-Manaus, uma estrada que teve seus dias contados, pois só conseguiu atingir a cidade de Cachimbo, a milhares de quilômetros de Manaus.

Menos de dois meses depois de inaugurada a estrada, a tribo de Raoni sofreu os primeiros efeitos da chegada do progresso: um surto de sarampo matou quatro homens adultos. A partir daí, os Txucarramãe começaram a reivindicar o isolamento, a atacar as fazendas vizinhas e a sequestrar a balsa que transporta caminhões com madeira. O Xingu deixou de ser o "cartão de visitas" e agora, 13 anos depois, pode se transformar em palco de uma sangrenta luta caso não seja atendida a reivindicação maior dos índios: isolar as aldeias do norte das fazendas.

FSP

02/04/84